



O sentido cristão da Liberdade

Card. Ricardo Blázquez

A liberdade é uma dimensão relevante da dignidade do homem, que com razão valoriza e defende, mesmo sendo um risco para sua vida. “A liberdade vale como todos os tesouros da terra. Vale a pena morrer por ela” (Jenofonte). “A verdadeira liberdade é um sinal eminente da imagem de Deus no homem” (Gaudium et spes 17). “Jamais os homens tiveram um sentido tão agudo de sua liberdade como hoje” (Ib. 45, cf. Dignitatis humanae,1). “No princípio Deus criou o homem e o deixou em poder de seu livre arbítrio” (Eclo. 15, 14). O homem tem a capacidade natural de escolher, de dispor de si mesmo sem depender de outros, de decidir se faz isso ou aquilo, a trabalhar de uma maneira ou outra. É verdade que, no exercício da livre escolha, deve livrar-se de ameaças interiores e exteriores que tentam contra sua liberdade. O homem tem diariamente a missão de realizar o que é, de afirmar incessantemente sua liberdade. Seja o que você é. Viva a altura de sua dignidade. Por ser livre, é responsável perante Deus, perante si mesmo, e perante os outros de suas ações. Deus criou o homem livre e respeita sua liberdade; quer ser servido não por escravos, mas por pessoas livres. Deus mesmo se expôs ao uso da liberdade do homem, que pode desconfiar Dele e desobedecê-Lo. (cf. Gên. 3, 1 ss; 4, 7; Ez. 18).

Mais adiante direi que o livre arbítrio pertence ao ser humano, homem e mulher, criado por Deus a sua imagem e semelhança (Gên. 1, 27). Por sua condição de imagem de Deus está chamado a dominar sobre todas as criaturas, com o respeito de Deus, seu Criador.

O Papa emérito Bento XVI disse em Santiago de Compostela: “ é uma tragédia que na Europa, principalmente no século XIX, se afirmasse e divulgasse a convicção de que Deus é o antagonista do homem e o inimigo da sua liberdade”. O ateísmo moderno pretende que o homem livre seja o único criador da sua história, excluindo o reconhecimento de Deus como Criador de todas as coisas (cf. Gaudium et spes, 20).



1.- Liberdade e o filho pródigo

Pelo que foi dito, compreende-se que o sentido da liberdade é radicalmente diferente e alheio a de Deus, que conta com o Mistério sagrado, em que se fundamenta o homem e ao qual se remete. Nós, como indica o título da conferência, tratamos o sentido da liberdade cristã, é dizer, da liberdade considerada segundo a Palavra de Deus e recebida em comunhão com Jesus Cristo nosso salvador. Vai além da liberdade religiosa e sócio-política.

A passagem em que desenvolvemos o sentido da liberdade cristã é a parábola do “filho pródigo”, chamada assim desde a Vulgata; ou de “filho perdido”, como fala o texto evangélico (cf. Lc. 15, 24-32); ou melhor ainda a parábola do “Pai misericordioso” ou “amor do Pai” (J. Jeremias); o pai é o autêntico protagonista que espera e acolhe o filho perdido e tenta convencer o seu filho mais velho para festejar a volta do seu irmão. O pai quer conciliar seus filhos fraternalmente.

É a mais importante das parábolas de Jesus. Descreve três personagens com traços vigorosos e extremamente humanos. Com essa parábola, Jesus justifica o anúncio da boa nova aos excluídos frente a seus acusadores.

É o evangelho dos excluídos pelos escribas e fariseus (cf. Lc. 15, 1-2). O comportamento do pai, que não se cansa de esperar, que se alegra com o retorno de seu filho perdido e o reinstitui na condição filial, afirma a conduta de Jesus que acolhe os pecadores e come com eles. O pai dá uma festa para seu filho, que tinha gasto parte de sua herança, isso o irmão mais velho achou um excesso. Ele acreditava que era irrepreensível, enfrentou seu pai dizendo que nunca deu um cabrito para comer com seus amigos. Morou na casa do pai como um estranho como um empregado!

O contraste entre o comportamento dos dois irmãos: em um se reflete os escribas e fariseus e, no outro, publicanos e pecadores e a bondade do pai, que transparece Jesus, mostra a novidade do Evangelho. Deus é assim, Deus age assim. Deus é misericórdia sem limites, que transborda os cálculos razoáveis ante o filho perdido e ante o filho cumpridor. O Evangelho anunciado, vivido e personalizado por Jesus mostra-nos esses contrastes. Não só nesta riquíssima parábola, mas também em outros Evangelhos podemos ver como se confrontam



Equipes Notre-Dame

*Rassemblement International – International Gathering – Encuentro
Internacional - Encontro Internacional – Raduno Internazionale*

Fátima 2018

16-21 Juillet – July 16th-21th – 16-21 de Julio – 16-21 Julho – 16-21 Luglio

esses tipos de personagens, onde se manifesta a originalidade do Evangelho, que é Jesus em pessoa.

As seguintes passagens mostram esse contraste: A parábola dos devedores (cf. Lc. 7 41-42; Mt. 18, 21-35) a do fariseu e o publicano (cf. Lc. 18, 9-14), a parábola dos dois filhos (cf. Mt. 21, 28-31), o discurso das bem-aventuranças e advertências (cf. Lc. 6, 20-26), o juízo final (cf. Mt. 25,31-46).

A mensagem de Jesus é o anúncio da salvação e, ao contrário, é uma denúncia dos que resistem a recebê-lo e é uma renúncia dirigida a todos. O Evangelho interpela a pessoa, chamando-a a conversão e advertindo do risco da perdição definitiva. “O princípio fundamental da relação de Deus com o pecador é que Deus ama o pecador, ainda em sua situação de pecado, quero dizer, inclusive antes de sua conversão; podemos afirmar que o que faz possível essa conversão é esse AMOR divino” (T. W. Manson e Joshep A. Fitzmyer). Deus tomou a iniciativa e nos amou primeiro (cf. 1 Jn. 4, 9-10. 16). A conversão da pessoa é possibilitada pela graça do Evangelho e é advertida também do risco da perdição se ela resiste a olhar com seus próprios olhos, a escutar com seus ouvidos e a compreender com seu coração (cf. Mt. 13, 10-15). Somente os humildes compreendem os mistérios do Reino de Deus (cf. Lc. 10, 21-23). “O mais importante o vemos com o coração” (Pequeno Príncipe).

O sentido da liberdade, segundo o ciclo de conferências deste encontro de casais, nos coloca em conexão com um versículo da parábola do filho pródigo: “Pai, me dá a parte da herança que me cabe” (Lc. 15, 12). O filho menor toma a decisão de fugir da casa paterna. Quer fazer uma aventura; está cansado de vida em família. Livremente orienta sua vida pelos caminhos da perdição. Somos livres, mas não convém qualquer eleição concreta, já que podemos escolher entre a vida e a morte, a bênção e a maldição (cf. Gen. 2, 15-17; Deut. 11, 26-28). A liberdade pode lograr a pessoa se escolhe o bem, ou malograr a pessoa se escolhe o mau.

Não deve separar-se o exercício da liberdade, a verdade e o bem. O homem com sua eleição não determina o que é bom ou ruim, já que a liberdade do homem supõe a vontade de Deus e a ordem da criação.



Equipes Notre-Dame

*Rassemblement International – International Gathering – Encuentro
Internacional - Encontro Internacional – Raduno Internazionale*

Fátima 2018

16-21 Juillet – July 16th-21th – 16-21 de Julio – 16-21 Julho – 16-21 Luglio

A intenção da parábola não é ver a parte jurídica, se o filho pode exigir do pai a parte da herança e se o pai deve dar a Ele essa parte da herança. A compreensão do sentido da parábola não exige necessariamente a colaboração do direito. Naquela situação havia duas formas de transmissão de bens de pais para filhos: no testamento ou por doação em vida com as precisões correspondentes (Cf. Deut. 21, 17, J. Jeremias).

Uma vez convertida a herança em dinheiro, o filho vai embora de casa para um país distante. Os traços da narrativa vão marcando a postura cada vez mais deprimente do filho e como vai destruindo sua liberdade; pensava que ia ser livre, fica cada dia mais escravo. Sem querer generalizar a parábola do Pai bom e do filho pródigo e perdido, nem apagar a simplicidade do Evangelho de Jesus, podemos descobrir nela aspectos básicos e muito eloquentes da vida humana e da família, como a liberdade e a responsabilidade, a aventura e o desvio, a nostalgia e o retorno, o pedido de perdão e a reconciliação, a dor da separação e a alegria do reencontro. A parábola é uma magnífica defesa da mensagem salvadora de Jesus; e contém toques finos de psicologia humana na caracterização dos três personagens. Mostra-nos intensamente ao Deus misericordioso, ao homem miserável; ao Deus bom, a pessoa deteriorada e ao homem sem piedade.

Quantas vezes debaixo do nome de liberdade se esconde uma escravidão opressora! A liberdade é um dom, um caminho e uma conquista diária; ser livre significa romper ataduras e esse domínio próprio, colocá-lo ao serviço dos demais. A liberdade caprichosa e arbitrária é, na realidade, falta de liberdade.

A liberdade humana integra diversas perspectivas e ingredientes. E, antes de tudo, a capacitação básica do ser humano para sua realização como pessoa; a liberdade humana é também histórica, já que, através das ações livres, arraiga-se e se fortalece. A liberdade classifica a pessoa singular e única, que nunca pode diluir-se em seu egoísmo, nem na exterioridade do ambiente nem no domínio técnico. A liberdade do homem é sempre liberdade condicionada e limitada, por ser humana, não obstante a pessoa livre não ser meio para outra coisa; a dignidade inalienável da pessoa é inseparável da liberdade, da qual não pode nem deve abdicar. No cristianismo a liberdade tem dimensões novas; por se



tratar de uma liberdade dada por Deus ao homem, criado a sua imagem, é sempre uma liberdade que, na obediência a Deus, não se nega, mas afirma-se a si mesma; é uma liberdade ferida, não anulada pelo pecado; é uma liberdade resgatada por Jesus Cristo e o Espírito Santo. A liberdade Cristã é uma liberdade que o homem recebe como dom do Senhor. Unido a Deus pode frutificar sua liberdade no Amor.

“Só desde o amor/a liberdade genuína, / só desde a fé / vão crescendo asas” (Hino Litúrgico). O homem que ama a Deus identifica-se pelo amor com a vontade de Deus e seus mandamentos (Max Müller).

2.- Liberdade do pecado, da lei e da morte

Nossa vocação, caminho e dignidade é de sermos livres. “Para a liberdade Cristo nos salvou. Mantenham-se firmes e não deixem que voltem a submeter-vos ao julgo da escravidão” (Gal. 5, 1). “Vós, irmãos, fostes chamados à liberdade; então não utilizeis a liberdade como pretexto para a carne; ao contrário, sejam escravos uns dos outros por amor. Porque toda a lei se cumpre em uma só frase: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo” (Gal. 5, 13-14). A obra de Jesus, morto na cruz e ressuscitado, libera o homem do pecado, da lei e da morte. O nome da salvação é também libertação, redenção, reconciliação, vida nova. Israel que foi libertado da escravidão do Egito, que entendeu o retorno do cativo da Babilônia como o novo êxodo, esperava o Messias como o Salvador prometido por Deus.

A missão de Jesus se resume com palavras do profeta Isaías (61, 1-2) : “O espírito do Senhor Javé está sobre mim, porque Javé me ungiu. Ele me enviou para dar a boa notícia aos pobres, envio-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor” (Lc. 4, 18-19). Como ação de graças cantará Paulo: “Deus Pai nos arrancou do poder das trevas e nos transferiu para o Reino de seu Filho amado, no qual temos a redenção, a remissão dos pecados” (Col. 1, 13-14). Jesus Cristo é o “verdadeiro cordeiro que tirou o pecado do mundo, morrendo destruiu nossa morte, e ressuscitando restaurou a vida” (Prefácio Pascal). Com a cruz levantada em meio da assembleia cristã podemos cantar: Pela árvore do



Paraíso somos escravos, pela árvore da cruz somos livres (*“Per lignum servi, per te, lignum, liberi”*). São palavras de um hino na festa da exaltação da Santa Cruz).

“Liberdade, no novo testamento, é entendida como liberdade do pecado (Rom. 6, 18-23; Jo 8, 31-36), da lei (Rom. 7, 3 s.; 8, 2; Gal. 2, 4; 4, 21-31; 5, 1.13) e da morte (Rom. 6, 21s; 8, 21)” (H. Schiler). A libertação operada por Cristo, anunciada na proclamação do Evangelho, atualizada pelo Espírito Santo e recebida através da fé e do batismo, nos liberta dos três poderes que tendem a nos escravizar: O pecado, a lei e a morte. Os três poderes estão vinculados entre si e exercem seu domínio oprimindo. Será necessária uma pausa da explicação antropológica, para ser adequadamente entendidos em nossa existência pessoal e nossa cultura. As mesmas cartas de Paulo, que amplamente expõe o pecado, a lei e a morte, tanto na escravidão do homem como na libertação realizada por Cristo, requerem uma atenta leitura. A riqueza de conteúdo e a complexidade em sua compreensão vão unidas. Aqui só podemos esboçar algumas breves considerações.

A libertação da lei não é um sinônimo de antinomismo nem via aberta à teimosia, não é apoio de um subjetivismo desenfreado nem seção a inclinação do momento (cf. Rom. 3, 8; 6, 1.15). A liberdade, presenteada por Jesus Cristo, não é permissão para pecar nem libertinagem (cf. Gal. 5, 13; 1 Ped. 2, 16; 2 Ped. 2, 19; Judas 4). O cristão é livre e foi liberto por Cristo; não é um libertino que defende e vive sem lei. Tendo em conta o que lemos na carta aos Gálatas, podemos compreender o sentido da libertação da lei em conexão com o amor. No amor, fica incorporada e assumida a intenção da lei, que tende a concretizar a vontade de Deus. O que ama a Deus e ao seu irmão cumpre a lei (cf. Mc. 12, 28-34). “Quem não ama está cativo / e alheio a liberdade”. “ Vós fostes a liberdade / do nosso grande cativo” (Sta. Teresa de Jesus, Poesia 18). Por exemplo, o esposo que ama seu cônjuge não precisa repassar diariamente a lista de suas obrigações matrimoniais; podemos até afirmar que não é a melhor indicação de uma vida, consistente em casamento, se tiverem de recorrer à defesa de seus direitos perante um juiz. O amor se situa na raiz do dinamismo do cumprimento da lei. Quanto mais autêntico é o amor, melhor se cumprem as obrigações matrimoniais; quanto mais vivo é o espírito, mais perfeitamente se cumpre a palavra da lei. Nesse sentido podemos compreender o ditado: *“Dilige*



Equipes Notre-Dame

*Rassemblement International – International Gathering – Encuentro
Internacional - Encontro Internacional – Raduno Internazionale*

Fátima 2018

16-21 Juillet – July 16th-21th – 16-21 de Julio – 16-21 Julho – 16-21 Luglio

et quod vis fac” (“Ama e faz o que quiseres”). O amor não leva a prejudicar nem a trair o cônjuge, mas a amá-lo intimamente e dar a vida por ele. Por isso, podemos dizer que a liberdade culmina no amor e nos faz servos dos demais (cf. 1 Cor. 9, 1-19; 10, 23 ss.).

Liberdade cristã, ação do Espírito, Lei de Cristo, Evangelho, Batismo, Amor... são realidades que, em sua íntima conexão, ajudam-nos a compreender a libertação em todo seu alcance. Para cumprir a lei divina, com suas prescrições e proibições, o cristão segue a “Lei de Cristo” (Gal. 6, 2; cf. 1 Cor. 9, 21); ou a “Lei da fé” (Rom. 3, 27), que age pela caridade (cf. Gal. 5, 6), que é a “Lei do Espírito” (cf. Rom. 8, 2). Devemos agir como quem vai ser julgado por “uma lei de liberdade” (Sant. 2, 12). Nós cristãos não recebemos um espírito de escravos para recair em temor, mas um espírito de filhos de Deus para viver em liberdade filial (cf. Rom. 8, 15). “Darei para vocês um coração novo, e colocarei um espírito novo dentro de vocês. Tirarei de vocês o coração de pedra, e lhes darei um coração de carne. Colocarei dentro de vocês o meu espírito, para fazer com que vivam de acordo com os meus estatutos e observem e coloquem em prática as minhas normas” (Ez. 36, 26-27). A vida em liberdade caminha “segundo o Espírito”, como motor da existência crente, frente a vida “segundo a carne”, que significa a frágil natureza humana enquanto afastada de Deus. Os dois opostos – o Espírito e a carne – produzem frutos contrários, que manifestam se a pessoa é livre e caminha na liberdade ou se vive na escravidão (cf. Gal. 5, 16 ss.).

Existem realidades que ameaçam dominar a pessoa e escravizá-la. Algumas são citadas no Novo Testamento, outras, em nosso tempo, adquiriram um poder devastador. Não podemos servir a Deus e ao dinheiro (cf. Mt. 6, 24), já que a cobiça de possuir é uma idolatria (cf. Col. 3, 6); os prazeres exercem as vezes um domínio despótico (cf. Gal. 5, 19-21). Hoje poderíamos aludir aos vícios, como as drogas e o jogo. Quanto mais o homem cede a esses poderes, mais o escravizam, humilham e degradam. Se vê o homem atraído pelo bem que desejaria fazer, mas o mal se impõe sobre ele (cf. Rom. 7, 15-25).

Para a renovação das promessas batismais, na Vigília Pascal, o sacerdote pergunta aos fiéis: “Renuncias ao pecado para viver na liberdade dos filhos de Deus?”. Nessa noite santa, animados pelo Espírito de Jesus vencedor da morte,



Equipes Notre-Dame

*Rassemblement International – International Gathering – Encuentro
Internacional - Encontro Internacional – Raduno Internazionale*

Fátima 2018

16-21 Juillet – July 16th-21th – 16-21 de Julio – 16-21 Julho – 16-21 Luglio

os batizados prometem solenemente viver como filhos da luz, do amor e da liberdade.

O pecado se paga com a morte (cf. Rom. 6, 20-23). Separados de Deus, que é o princípio da vida, estamos interiormente mortos. Com uma densa expressão, que inclui as realidades opressoras, das que nos liberta nosso Senhor Jesus Cristo, escreveu Paulo: “O ferrão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei” (cf. 1 Cor. 15, 56). A morte, cuja inexorabilidade tem um saber prévio, cada pessoa exerce sobre a vida humana uma influência em forma de temor, de escuridão, de opressão. Sem integrar a morte a existência do homem, este caminha em um horizonte de limitação escravizante; por mais que queira evitar a perspectiva da morte com o poder sombrio que exerce sobre a vida, por mais que homem tente diminuir essa influência, olhando para o outro lado, ou distrair-se, é impossível, inevitavelmente se impõe o pensamento da morte. Isso – que já foi percebido com clareza no helenismo: “chegar a ser livre significa, em primeiro lugar, livrar-se do medo da morte” (H. Schiler) – a Carta aos Hebreus o formula na perspectiva cristã: “Uma vez que os filhos têm todos em comum a carne e o sangue, Jesus também assumiu uma carne como a deles. Assim pôde, por sua própria morte, tirar o poder do diabo, que reina por meio da morte. Desse modo, Jesus libertou os homens, que ficavam paralisados a vida inteira por medo da morte” (2, 14-15). É uma afirmação tão profunda como certa.

A liberdade dos filhos de Deus surgiu já no presente do cristão, mas esperamos sua plenitude gloriosa (cf. Rom. 8, 14 ss.). O Espírito Santo nos resgata diariamente da inclinação a escravidão, já que “onde está o Espírito do Senhor, há liberdade” (2 Cor. 3, 17). O Espírito é, ao mesmo tempo, princípio da liberdade, de amor e de unidade na vida do cristão, da família e da Igreja, que é o Corpo de Cristo.

3.- Liberdade cristã e a família

Paulo e João são os grandes mestres da liberdade cristã no Novo Testamento; depois de termos visto as cartas de Paulo, vamos ver alguns ensinamentos fundamentais do evangelista João.



Equipes Notre-Dame

*Rassemblement International – International Gathering – Encuentro
Internacional - Encontro Internacional – Raduno Internazionale*

Fátima 2018

16-21 Juillet – July 16th-21th – 16-21 de Julio – 16-21 Julho – 16-21 Luglio

Em um dos discursos, com polêmica incluída, dirigidos aos judeus é questionada a verdadeira liberdade. “Então Jesus disse para as autoridades dos judeus que tinham acreditado nele: se vocês guardarem a minha palavra, vocês de fato serão meus discípulos; conhecerão a verdade, e a verdade libertará vocês” (Jo. 8, 31-32). A verdade que liberta o homem é a revelação de Deus por Jesus Cristo em seu Espírito; não basta, como dizia no judaísmo: “a Torá é a verdade e seu estudo liberta o homem”, nem, menos, a libertação que pensavam os zelotes, rebelando-se contra Roma através da violência. A permanência na verdade, anunciada por Jesus, é a fonte inesgotável da liberdade. A verdade e a liberdade não devem se separar, pois se destruiriam reciprocamente. A liberdade sem verdade é enganosa; a liberdade cristã é verdadeira, consistente e autêntica. Verdade, liberdade, fé, seguimento de Jesus como discípulos se inter-relacionam. A liberdade não é um princípio formal; livremente podemos escolher o mal, malogrando assim a vida; e livremente podemos escolher o bem verdadeiro, realizando desta maneira a vida em sua autenticidade.

Permita-me recordar brevemente o conceito de liberdade e a maneira de vivê-la no Estoicismo, que às vezes teve ressonância em grupos e orientações do Cristianismo. Ser livre significa que o homem, no tumulto do mundo, refugia-se em seu interior. A palavra chave é *ataraxia*, que significa viver em quietude, controlando os afetos, até o medo da morte. Os estóicos aspiram viver com igualdade, serenidade, “conforme a natureza”, apaziguando as paixões com a força da razão. A liberdade, dirá Epicteto, é “ataraxia” ou “apazeia”. Essa liberdade seria a base da sua felicidade.

Em continuação, assevera Jesus aos judeus, reafirmando suas anteriores palavras: “Eu garanto a vocês: quem comete o pecado é escravo do pecado. O escravo não fica para sempre na casa, mas o filho fica aí para sempre. Por isso, se o Filho os libertar, vocês realmente ficarão livres.” (Jo. 8, 34-36). Jesus ser revelador do Pai, enquanto Filho encarnado, é também o mediador da autêntica liberdade. Existe uma implicação mútua entre Filho e liberdade, filho e casa-família. Jesus alude a como Abraão dispensou a escrava Agar e a seu filho (cf. Gen. 20, 10; Gal. 4, 30-31). Os cristãos são descendentes de Abraão por Sara, a mulher livre, e por Isaac, o filho da promessa. Somos filhos no Filho e portanto



Equipes Notre-Dame

Rassemblement International – International Gathering – Encuentro
Internacional - Encontro Internacional – Raduno Internazionale

Fátima 2018

16-21 Juillet – July 16th-21th – 16-21 de Julio – 16-21 Julho – 16-21 Luglio

moradores em sua casa. “Cristo, como Filho, está à frente da família de Deus; e essa família somos nós” (Heb. 3, 6).

Desde a conexão entre filho e casa, podemos olhar de novo ao filho pródigo que fugiu da casa paterna, abandonando seu pai e depreciando a vida em família. Preferiu viver longe a viver na casa. Escolheu a escravidão no lugar da família. Não suspeitou que, fora de casa, existia muita solidão e se vivia na intempérie.

Ao ditado destrutivo do “olho por olho e dente por dente” (cf. Mt. 5, 38), que conduz a todos os caolhos/vesgos ou desdentados, Jesus diz: “amem os seus inimigos e façam o bem aos que odeiam vocês. Desejem o bem aos que os amaldiçoam e rezem por aqueles que caluniam vocês” (Lc. 6, 27-28). Ódio por ódio intensifica a cadeia do ódio; responder a violência, violentamente, fortalece a espiral da violência. Em oposição, a pessoa autenticamente forte é a que pode quebrar a cadeia do ódio. Se o amor não quebra o dinamismo do egoísmo e da prepotência, terminamos sendo vítimas do nosso orgulho, que não se submete, e da nossa persistência reforçada pela paixão vingativa.

As vezes nos empenhamos em não corrigir o falso caminho tomado. Se apodera de nós um ressentimento que nos oprime; só com o poder mais forte do amor, do perdão e da reconciliação podemos dar o braço a torcer, saindo de nossos pensamentos, que se nutrem do nosso interior agitado e destruidor. A fuga do filho pródigo a um país distante, podemos reproduzi-la, cada um de nós, em nossa história e a nosso modo.

Antes de terminar, me parece oportuno, nesse Encontro de Equipes de Nossa Senhora, lembrar a magnífica Exortação Apostólica *Amoris laetitia*. Eu me refiro ao quarto capítulo, que mesmo o Papa Francisco considera como o coração do documento, titulado “O amor no matrimônio”. O amor é uma palavra muito utilizada e com frequência desfigurada. Santa Teresa de Jesus se lamentava de que algumas realidades a havia roubado o nome. Necessita-se, em nossa cultura, resgatar a excelência dessa palavra e seu precioso conteúdo. O capítulo aplica-se à família, aos esposos entre si e com seus filhos, o chamado hino da caridade de 1 Cor. 13. Com belas e sugestivas nuances, deixam explícitas as características do amor cristão, que encontra em Jesus sua perfeita encarnação e deve iluminar a existência de seus discípulos. O amor é a síntese, a concentração, a força e a



Equipes Notre-Dame

*Rassemblement International – International Gathering – Encuentro
Internacional - Encontro Internacional – Raduno Internazionale*

Fátima 2018

16-21 Juillet – July 16th-21th – 16-21 de Julio – 16-21 Julho – 16-21 Luglio

“alma” dos mandamentos da Lei de Deus. Toda lei alcança sua plenitude no preceito “amarás ao próximo como a ti mesmo” (cf. Gal. 5, 14). Isso deve realizar-se em todo matrimônio; os esposos têm, no amor de Jesus Cristo, um espelho para contemplar a grandeza e a beleza de seu amor. A Exortação *Amoris laetitia* é muito rica em ensinamentos, sugestões e exortações. O amor é entrega e acolhida recíprocas, mútuo respeito, paciência e serviço, humildade e perdão. “Vistam-se de sentimentos de compaixão, bondade, humildade, mansidão, paciência. Suportem-se uns aos outros e se perdoem mutuamente sempre que tiverem queixa contra alguém. Cada um perdoe o outro, do mesmo modo que o Senhor perdoou vocês. E, acima de tudo, vistam-se com amor, que é o laço da perfeição” (Col. 3, 12-14; cf. Ef. 4, 1-2. 32). O amor pode ir além da justiça e transbordar-se de graça, “sem esperar nada em troca” (Lc. 6, 35), até chegar ao amor maior, que é “dar a vida pelos demais” (Jo. 15, 13) (*Amoris laetitia* 102). Os preceitos se cumprem ampla e generosamente pelo amor.

“O amor matrimonial não se conserva só falando da indissolubilidade como uma obrigação, ou repetindo uma doutrina, mas protegendo-o graças a um crescimento constante sob o impulso da graça” (*Amoris laetitia* 134). Esta forma de liberdade para amar é a vitória sobre a lei e o pecado. O amor cristão, cuja fonte incessante é o Espírito de Jesus Cristo, entregue por nós e vivo para sempre, imprime sua originalidade no matrimônio cristão (cf. Ef. 5, 21 ss.). As famílias estão chamadas também a evangelizar, exercitando o precioso serviço de ser referentes luminosos, para quantos que anseiam a família porque a perderam, porque nunca a tiveram, ou porque se preparam para construir a sua própria.